

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE FUTUROS LEITORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Christian Eduardo Campos da Silva¹
Valdineia Alves dos Santos Matias²
Rafael Francisco Braz³

RESUMO

A contação de histórias é essencial para que as crianças possam apropriar-se de um imaginário social, enriquecer seu vocabulário, e aprimorar suas formas de interpretação e comunicação. De modo que, quando mais cedo as crianças tiverem contato com a literatura, e o hábito da leitura de livros passarem a ser algo constante em seu cotidiano, possibilitará que as crianças despertem o prazer pela leitura e consequentemente venha a se tornarem um adulto que saiba interpretar um texto corretamente e com um vocabulário amplo. Assim, com nossa pesquisa objetivamos compreender a importância e as contribuições que a contação de histórias tem para a formação de futuros leitores literários na Educação Infantil. Em nosso trabalho, realizamos um breve estudo bibliográfico referente ao processo de formação de leitores literários na Educação Infantil. Para tanto, nossa fundamentação teórica baseia-se em Abramovich (2004), Coelho (2000), Bakhtin (1992), entre outros autores, além do RCNEI (1998) e os PCN de Língua Portuguesa (2001). Os resultados de nossa pesquisa apontam que é preciso que os professores da Educação Infantil enquanto mediadores da leitura possibilitem através das mais diversas manifestações artísticas e culturais, que seus alunos possam desenvolver a sensibilidade, criatividade, a ludicidade e a liberdade de expressão através das práticas de leitura. Assim, esperamos que através de nosso trabalho possamos atingir e envolver novos olhares para este tema tão relevante, e consequente vir a subsidiar novas pesquisas e indagações que irão enaltecer e ampliar as reflexões acerca da produção do conhecimento através da arte de contar histórias.

Palavras-chave: Contação de Histórias, Formação de futuros leitores, Educação Infantil.

1 INTRODUÇÃO

A arte de contar histórias é uma prática essencial para o desenvolvimento e aprendizagem infantil, uma vez que, desde pequenas as crianças sentem a necessidade de vivenciarem seus sonhos, suas fantasias e seus encantos através da utilização da arte. A infância, e a fase em que as crianças começam a ter suas primeiras experiências de vida, as quais os auxiliará na formação de sua personalidade.

De acordo com a ensaísta, crítica literária e professora Nelly Novaes Coelho (2000), o fato das crianças ouvirem histórias desperta nelas o hábito da leitura por toda sua vida. Uma

¹ Professor da Educação Básica, Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, potiguara1992@gmail.com;

² Professora da Educação Básica, Pedagoga e Especialista em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, neia-alvesrt@hotmail.com;

³ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Mestre em Letras pelo PPGL/UFPB, Especialista em Língua Portuguesa e Graduado em Letras habilitação em Língua Espanhola pela UEPB, rafaelbrazprof@gmail.com.

vez que, as crianças poderão ter contato com a literatura infantil no ambiente escolar, e fora dele também.

Assim, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RCNEI – (1998), determina que a primeira etapa da Educação Básica seja a Educação infantil. O RCNEI tem como objetivo auxiliar diariamente com o trabalho educativo, para que assim, as crianças tenham um desenvolvimento íntegro.

Desta forma, no que se refere à leitura de histórias o RCNEI (1998), aponta que,

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence. (BRASIL, 1998, p. 143).

É possível dizer que a Literatura Infantil vai muito além do simples prazer que a criança sente ao ouvir histórias. Essa literatura auxiliar no processo de construção dos primeiros sentimentos da criança como também os valores e as ideias. Assim, compreendemos que um professor com uma postura ativa e estimuladora, conseguir sim estimular a formação futuros leitores críticos e criativos.

Para a pedagoga e escritora Fanny Abramovich (2004, p. 17),

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente o que as narrativas provocam em quem as ouve.

Diversos autores, dentre eles, Abramovich (2004) e Coelho (2000), apontam que, para que o professor consiga transmitir toda a emoção da história para os seus alunos, é essencial que o professor previamente realize a leitura do texto para que assim, possa captar a emoção que o mesmo apresenta, para que assim não corra o risco de acabar com o momento mágico da contação da história.

Nessa linha de raciocínio, nossa pesquisa tem como o objetivo geral compreender a importância e as contribuições que a contação de histórias tem para a formação de futuros leitores literários na Educação Infantil. Para a realização de nosso artigo científico, realizamos um breve estudo bibliográfico referente ao processo de formação de futuros leitores literários na Educação Infantil. Para tanto, nossa fundamentação teórica baseia-se nos seguintes autores: Abramovich (2004), Coelho (2000), Bakhtin (1992), entre outros autores, além do RCNEI (1998) e os PCN de Língua Portuguesa (2001).

Diante da realização da discussão sobre a contação de histórias, esperamos que através de nosso trabalho possamos atingir e envolver novos olhares para este tema tão relevante, e consequente vir a subsidiar novas pesquisas e indagações que irão enaltecer e ampliar as reflexões acerca da produção do conhecimento através da arte de histórias.

2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL

A história da Literatura Infantil no Brasil, de acordo com Coelho (2000) tem início a partir do século XVIII, que é quando a criança deixa de ser vista como um adulto em miniatura e passa então a ser considerada como um ser diferenciado do adulto com necessidades de uma educação específica as quais as preparassem para a vida adulta.

Sendo assim, para Coelho (2000) A partir de então, deu-se início no século XVIII a confecção dos primeiros livros direcionados ao público infantil surgiram. Houve então o surgimento dos autores como La Fontaine e Charles Perrault, os quais escreviam suas obras principalmente sobre os contos de fadas. Logo, a literatura infantil começou a ocupar seu devido espaço, demonstrando assim sua relevância.

Desta forma, diversos autores foram surgindo ao longo do tempo, como por exemplo, Hans Christian Andersen, os irmãos Grimm e Monteiro Lobato, os quais foram imortalizados pela magnitude presente em suas obras. Nesta época, a literatura era vista como mercadoria valiosa, principalmente para a sociedade aristocrática.

Com o passar dos anos, a sociedade foi crescendo, e modernizando-se através da industrialização, e consequentemente passou a expandir a produção de livros para o público infantil. Ressaltamos que, antes da concepção de infância, as crianças conviviam normalmente como um adulto, e consequentemente passavam a compartilhar da mesma literatura.

Nesta época, existiam duas classificações para distinguir as crianças, ou seja, existiam as crianças da nobreza e das classes desprivilegiadas. Desta forma, as crianças da nobreza tinham contato com a leitura dos clássicos literários, e, as crianças desprivilegiadas como não tinham acesso aos clássicos, restavam-lhes ouvir as contações de histórias de aventura, lendas, e contos folclóricos.

A partir de então, surge um novo olhar relevante para a literatura infantil, que na verdade se tratava de uma literatura produzida para adultos, que passou a ser reaproveitada para as crianças. Assim, o aspecto didático-pedagógico da literatura infantil consistia em uma

linha moralista, paternalista, centrada em uma representação de poder. Sendo assim, era uma literatura que servia para estimular a obediência, segundo a igreja, o governo ou ao senhor.

Era, portanto, uma literatura intencional, cujas histórias constantemente terminavam premiando o bom, e, conseqüentemente castigando o que era considerado como maléfico. Seguindo assim à risca todos os princípios religiosos, que consideravam que a criança como um ser que necessita ser moldado de acordo com o desejo dos que a educam, cortando suas aptidões e expectativas.

Até as duas primeiras décadas do século XX, as obras didáticas que eram produzidas destinadas para o público infantil, sempre apresentavam um caráter ético-didático, ou seja, o livro tinha como sua exclusiva finalidade educar, apresentar modelos, e moldar as crianças para atender todas as expectativas dos adultos. Desta forma, as obras raramente tinham como objetivo tornar a leitura como fonte de prazer, ou seja, retratando a aventura pela aventura.

Eram raras as histórias que retratavam da vida de forma lúdica, ou que faziam pequenas viagens em torno do cotidiano das crianças. Por volta dos anos 70, essa visão de mundo maniqueísta, que passava a dividir o mundo entre “Bom ou Deus e Mau e Diabo”, calçada no interesse do sistema, começa a ser substituída.

A partir das obras do escritor brasileiro Monteiro Lobato, contribuíram para que a literatura infantil passasse por um processo de revalorização, no que se refere ao Brasil. Assim, a literatura infantil, começa a se subdividir por todos os caminhos da atividade humana, passando a valorizar a aventura, o cotidiano, a família, a escola, o esporte, as brincadeiras, as minorias, adentrando até no campo da política e suas implicações.

3 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL

Atualmente, a dimensão de literatura infantil é muito mais ampla e importante. Hoje, a literatura infantil possibilita às crianças terem um desenvolvimento emocional, social e cognitivo inquestionáveis.

De acordo com Abramovich (2004) no momento em que as crianças ouvem as histórias, elas passam a enxergar de forma mais clara, os sentimentos que têm em relação ao mundo, pelo fato de que através das histórias é possível trabalhar os problemas existenciais típicos da infância, que são os medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, e uma infinidade de assuntos.

Deste modo, é a partir de uma história que a criança pode descobrir novos lugares, outras formas de agir e de ser, novas regras, ética, e até mesmo uma nova ótica. Neste sentido,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

quanto mais cedo à criança tiver esse contato com os livros, ela perceberá o prazer que a leitura proporciona, maior será a chance dela se tornar um futuro adulto leitor.

Da mesma forma, ainda é através da leitura que a criança conquista uma postura crítico-reflexiva. Quando a criança passa a ouvir ou ler uma história, ela se torna capaz de comentar, indagar, duvidar e até discutir sobre ela, realizando assim uma interação verbal, que neste caso, vem de encontro com as noções de linguagem de Mikhail Mikhailovitch Bakhtin (1992). Para o autor, a ação de confrontar as ideias de pensamentos em relação aos textos, tem sempre um caráter coletivo, social.

Para Bakhtin (1992), o conhecimento se dá através da interlocução, o qual evolui a partir do confronto e da contrariedade. Assim, de acordo com o autor é que a linguagem é constitutiva, isto é, o sujeito passa a construir seu pensamento, a partir do pensamento do outro, portanto, uma linguagem dialógica. Sendo assim,

A vida por natureza é dialógica. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar, etc. Neste diálogo, o homem participa todo e com toda a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com as suas ações. Ele se põe todo na palavra e esta palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 1992, p. 112)

Baseando-se nessa visão da interação social e do diálogo, é que pretendemos compreender a relevância da literatura infantil, que de acordo com Coelho (2000, p. 17), “é um fenômeno de linguagem resultante de uma experiência existencial, social e cultural”. Desta forma, a compreensão, os sentidos, os sons, os odores, o toque e o paladar, são os primeiros passos para aprender a ler.

Sendo assim, o ato de ler, no entanto, é uma atividade que não requer apenas a decodificação dos símbolos, mas sim uma série de estratégias que possibilitem ao indivíduo compreender de fato o que esta lendo. Neste sentido, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (2001),

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade. (BRASIL, 2001, p. 54).

Assim, é possível observarmos que a capacidade pessoal de cada indivíduo para aprender está vinculada ao contexto do mesmo. Desta forma, conforme afirma Marisa Lajolo (2002), cada leitor, estabelece um significado pessoal a partir de suas leituras de mundo, com os vários significados que o mesmo encontrou ao longo da história de um livro, por exemplo.

Logo, o ato de ler, não representa apenas a decodificação, já que instantaneamente não está ligada a uma experiência, fantasia ou necessidade do indivíduo.

O ato de ouvir uma contação de histórias é algo tão prazeroso que chega a despertar o interesse das pessoas nas mais diversas idades. Os jovens e os adultos adoram ouvir uma boa história, ou um “bom caso”, e, não são diferentes com o público infantil, as crianças são capazes de se interessar e gostar ainda mais por elas, uma vez que a capacidade de utilizar a imaginação delas é bem mais intensa.

As narrativas fazem parte da vida das crianças desde os primeiros minutos de sua vida, através dos acalantos e das canções de ninar que as mães cantam para eles. As crianças mais novas, já demonstram seu interesse pelas histórias através de pequenos gestos, batendo palmas, sorrindo, sentindo medo e/ou imitando algum personagem. Neste sentido, é muito importante para a formação da criança que ela ouça muitas histórias desde o seu nascimento.

O primeiro contato que as crianças têm com um texto, é através da oralidade, quando o pai, a mãe, os avós ou outra pessoa começam a contar os mais diversos tipos de histórias. As preferidas, nesta fase, são as histórias sobre sua vida. A criança ama ouvir como foi o momento de seu nascimento, além de fatos que aconteceram com ela ou com os demais membros de sua família.

À medida que a criança vai crescendo, torna-se capaz de escolher qual história vai querer ouvir, e/ou a parte da história que mais lhe agrada. Essa é uma fase, aonde essas histórias vão tornando-se aos poucos cada vez mais extensas, e bem mais detalhadas. A criança começa a interagir com as histórias, passando a adicionar novos detalhes, personagens e até mesmo lembrar-se de fatos que passaram despercebidos pelo contador.

Esse contato que as crianças têm com essas histórias reais são essenciais para que ela comece a construir sua identidade, e passar a compreender melhor as relações familiares. Outro fator relevante é o vínculo afetivo que vai se estabelecendo entre o contador das histórias e a criança. Contar e ouvir uma história ao lado de quem se ama, é compartilhar uma experiência singular, na descoberta do mundo mágico das histórias e dos livros.

Com o passar do tempo, na medida em que as crianças vão crescendo passam a se interessar por histórias inventadas e pelas histórias dos livros, como por exemplo: os contos de fadas ou os contos maravilhosos, poemas, ficção, e pelos demais gêneros.

4 AS CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Nota-se que ultimamente, existe uma preocupação com a educação para a formação de um indivíduo crítico, responsável e atuante na sociedade. Essa construção desse cidadão crítico-reflexivo, inicia-se na base da educação, ou seja, na Educação Infantil onde os primeiros hábitos começam a surgir, e as crianças começam a interagir socialmente para o desenvolvimento de sua aprendizagem.

Desta forma, compreendemos que a oralidade está presente em todo momento no cotidiano das crianças, e conseqüentemente irá melhorar a comunicação e expressão dos pequenos, uma vez que, contribui para o convívio social dessas crianças. Assim, as escolas são um lugar ao qual as crianças interagem socialmente, e recebem as influências para sua formação social.

De acordo com o RCNEI (1998), “a criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico” (BRASIL, 1998, p, 21-22). Por essa razão, o ato de contar histórias na Educação Infantil possibilitando assim que à criança venha a despertar sua criatividade, como também ir além de seu tempo e espaço, podendo se imaginar em outros mundos e situações diversas.

Conforme é exposto pela autora Betty Coelho (2001), “a criança que ouve histórias com frequência educa sua atenção, desenvolve a linguagem oral e escrita, amplia seu vocabulário e principalmente aprende a procurar nos livros novas histórias para o seu entretenimento”. (COELHO, 2001, p. 26). Deste modo, Abramovich (2004) corrobora com o pensamento de Coelho (2001), e salienta que a contação de histórias é de suma importância para a formação do ser humano, uma vez que o ato de ouvir histórias contribui para a formação de um bom leitor, na descoberta e compreensão do mundo.

Ainda para Abramovich (2004), a contação de histórias é uma atividade lúdica e pedagógica, além de ser uma ótima ferramenta de trabalho para o professor em sala de aula. De modo que, possibilita a criança a descobrir diversos lugares, tempos, jeitos de agir e de ser, outra ética, ótica e, assim, conhecemos diversas disciplinas, sem nem precisar conhecer o nome ou para que servem cada uma delas.

Segundo Coelho (2001), o livro de histórias passa a ser um objeto de informação, e o professor assume o papel de mediador entre o livro e seu aluno, estimulando assim a imaginação, e conseqüentemente venha a desenvolver sua capacidade cognitiva, visto que a história permanece nas ideias das crianças, agregando-a como um estímulo para sua imaginação.

Portanto, se faz necessário que através da contação de história o professor trabalhe a oralidade, a espontaneidade, a socialização e a coordenação motora de seus alunos, valorizando assim todos os benefícios que essa arte. Ressaltamos ainda que a arte de contar histórias é um grande aliado do professor com relação ao desenvolvimento da fala, da leitura e da escrita de seus alunos.

Uma vez que, desde muito cedo as crianças já realizam sua leitura de mundo, não aquela convencional a qual é ensinada nos espaços escolares, mas a leitura a partir do uso de seus sentidos, toque, olhar, e ouvir, em outras palavras, a leitura está presente na vida das crianças desde muito cedo, sendo letrada mesmo antes de se apropriar da leitura da escrita.

De acordo com Paulo Freire (2005), a leitura de mundo ocorre antes da palavra, isto é, o ser humano possui a habilidade de realizar interpretações das mais diversas situações de seu cotidiano, antes mesmo de conseguir ler. Dessa forma, os contos de fadas provocam nos alunos diversos sentimentos tais quais: medo, alegria, tristeza e angústia, o que nos leva a refletir, num processo desafiador e motivador favorecendo assim a formação da personalidade da criança.

Compreendemos que é a partir do ato de ouvir histórias que os alunos desenvolvem o gosto pela leitura, e conseqüentemente provocam prazer, amor à beleza, a observação, as experiências, o lado artístico e começam a criar uma ponte entre a fantasia e a realidade. A partir de então é que as crianças são começam a dar sequencia lógica aos fatos, as ordens das coisas e aos acontecimentos como também passam a ampliar seu vocabulário e conseqüentemente a criar o gosto pela literatura.

De acordo com a autora Luzia Bontempo (2003, p. 33), “a leitura feita pelo professor em voz alta, em situações que permitem a atenção e a escuta das crianças, fornece-lhes um repertório rico em expressões e vocabulário facilitando a interação da criança com a linguagem escrita”. Sendo assim, compreendemos que cada criança é única, e passam por estágios psicológicos os quais no período de seu desenvolvimento, os quais necessitam serem observados e respeitados.

Para Raquel Villardi (1997, p. 110), “a literatura é feita pra encantar, é feita com prazer para proporcionar prazer, o que vem depois é consequência desse prazer”. A partir da fala da autora, compreendemos que ela apesenta que se o ser humano for mais sensível e crítico poderá ser mais feliz. A autora ressalta ainda que é necessário compreender as histórias e sua importância para a vida das pessoas, que é o que a psicologia dos contos de fadas vem nos apresentar.

Ou seja, os personagens dos contos de fada se tornam mais próximos, e os sentimentos começam a serem personificados, tais quais: a inveja por meio da bruxa, e a desobediência que pode nos trazer graves consequências. Precisamos compreender que as histórias favorecem a imaginação, favorecendo a auto identificação, além de contribuir para que possamos solucionar nossos conflitos internos, e a aceitação das mais variadas situações existentes na vida das pessoas.

Entendemos que, o professor necessita escolher bem a história que irá contar para seus alunos. Uma vez que o professor/contador necessita acreditar, envolver-se, e vibrar com a história que irá apresentar, para que assim possa despertar o interesse de seu público, além de agir com naturalidade para que os alunos não fiquem desatentos.

No entanto, se não houver prazer, nem entusiasmo por parte do contador de histórias, o aluno não terá curiosidade, nem muito menos vontade de continuar com seu interesse pela literatura. Sendo assim, Abramovich (1997) salienta que “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo” (ABRAMOVICH, 1997, p. 16).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de nossa pesquisa, compreendemos que o desenvolvimento da criança ocorre através de um processo criado pela própria criança a partir das interações que realiza com o meio em que está inserida, sendo assim, concluímos que a literatura infantil, especificamente, a contação de histórias na Educação Infantil, enquanto uma atividade interativa e pedagógica mediada pelo professor favorece para este desenvolvimento da criança.

Ou seja, a contação de história possibilita que as crianças tenham contato com o uso real da escrita, oportunizando assim o contato com novas palavras e conseqüentemente a ampliação de seu vocabulário, como também favorecendo que elas possam vir a discutirem sobre os valores como o amor, família, moral e trabalho.

Além de incentivar a imaginação, e o desenvolvimento da oralidade, criatividade e do pensamento crítico, colaborando assim para a formação da identidade da criança, tanto pessoal ou cultural, melhorando seus relacionamentos afetivos interpessoais e abrindo novos espaços para novas aprendizagens nas mais diversas disciplinas escolares, através do caráter motivador da criança.

Ressaltamos ainda que o professor necessita assumir o papel de mediador do processo e instigar os seus alunos a descobrirem, a conhecerem e a se posicionarem no meio ao qual estão inseridos, através da experiência, do conhecimento e das habilidades gerais, entretanto, não tem como a prática pedagógica sozinha englobar todo este processo, é preciso que se tenha consonância entre a qualificação profissional, as condições favoráveis de trabalho, além das políticas públicas de incentivo, incluindo o resgate das tradições orais.

Concluimos que a arte de contar histórias, ao contrário das mais diversas percepções equivocadas existentes, ela não está em desuso, encontra-se viva e difundida na sociedade, apesar de que seu reconhecimento ainda não tenha obtido a plenitude almejada de acordo com seu verdadeiro valor.

Assim, esperamos que através de nosso trabalho possamos atingir e envolver novos olhares para este tema tão relevante, e conseqüente vir a subsidiar novas pesquisas e indagações que irão enaltecer e ampliar as reflexões acerca da produção do conhecimento através da arte de contar histórias.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BOMTEMPO, Luzia. **Alfabetização com Sucesso**. 2ª ed., Contagem: Oficina Editorial, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. 3. ed. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 2001.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 46 ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- GOÉS, Lucia Pimentel. **Introdução a literatura infantil e juvenil**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.